



El Salvador, 24 de novembro 2023

Declaração do 15º Encontro Feminista Latino-Americano e Caribenho (EFLAC) Diante da crise do tecido da vida: unidas, unides, resistindo e avançando!

As feministas da América Latina e do Caribe, reunidas e reunidas no **15ª EFLAC – Encontro Feminista Latino Americano e Caribenho, em El Salvador, América Central**, nos irmanamos diante da tirania e dos retrocessos democráticos. Durante dois dias encontramos-nos em um espaço de redes e articulações regionais interseccionais, intergeracionais e interculturais. Com o legado de nossas ancestrais colocamos em palavras as tensões que nos habitam e **pactuamos ações pela soberania sobre nossos corpos e territórios enquanto resistimos e planejamos um mundo transfeminista.**

Somos mulheres latino-americanas e caribenhas que reafirmamos o direito ao aborto legal, seguro e gratuito como um direito fundamental e uma luta emancipatória. Para isso, precisamos avançar em uma estratégia de despenalização social, que, junto ao sustento da mobilização popular, consiga gerar uma força comum de solidariedade feminista. **Exigimos que os Estados reconheçam o direito à justiça reprodutiva**, que garanta o direito ao aborto e à maternidade, pois junto à proibição do aborto coexiste uma visão racista do direito de gestar, parir e criar com dignidade, particularmente para as mulheres negras, indígenas e migrantes.

Lutamos para transformar os modelos político-econômicos e a hegemonia capitalista e extrativista que superexplora a natureza, gera consumos excessivos e produz a destruição da natureza, dos territórios e dos modos de vida, bem como a perseguição e expulsão daqueles que resistem aos roubos. **O modelo econômico deve colocar o centro na vida e não no dinheiro!** Por isso, temos o desafio de integrar nossos olhares e gerar propostas pensando nas mais necessitadas: precariadas, trabalhadoras domésticas ou trabalhadoras informais, cuidadoras, meninas, adolescentes e jovens, dissidentes sexuais, mulheres idosas, profissionais do sexo e mulheres com deficiência.

Em tempos de crise e de processos de restituição do autoritarismo, as redes salvam as nossas vidas. Por isso, ativamos uma proteção feminista integral: para cuidar dos nossos movimentos e homenagear as pessoas e comunidades que nos protegem e continuarão a fazê-lo. Reconhecer a violência e as políticas repressivas nos fere e nos desgasta, enfraquece as nossas organizações e coloca as nossas lutas em risco. Contudo, temos um conhecimento histórico: redes comunitárias de proteção; processos de cura ancestrais; espaços de refúgio e muito mais. Por isso, o



EFLAC deve continuar a ser um espaço de homenagem à memória daquelas que nos foram tiradas e convocamos todo dia 29 de novembro, **“Dia Internacional das Defensoras”**, **levantemos a voz para denunciar estas violências** pelo direito de exercer nossa ação política sem medo. Nos comprometemos a colocar o cuidado e a proteção no centro da nossa ação política como estratégia de sobrevivência regional. Para conseguir isso, devemos ser generosas e aprender umas com as outras: com aquelas que já viveram ou estão vivendo em ditaduras e conflitos armados e com aquelas que hoje constroem formas criativas de cuidado mútuo.

O EFLAC é um pacto transfeminista por uma vida livre de violência; viver, desejar e sermos felizes. Ante a crueldade patriarcal e às desigualdades históricas que perpetuam a violência de gênero nos nossos territórios, **que o próximo dia 25 de novembro seja o lançamento de uma rede regional que atuará para exigir que os Estados previnam, sancionem e erradiquem a violência contra mulheres e dissidências de gênero.** Além disso, propomos a expansão da Iniciativa Mesoamericana de Defensoras a toda a América Latina e Caribe contra as violências institucionais e políticas.

Sobrevivemos às violências estruturais, a um sistema de crueldade patriarcal que busca por nos invisibilizar, nos censurar, nos patologizar e até nos esterilizar. Somos pessoas trans, não binárias, gênero fluidas, intersex, queer, lésbicas, bissexuais, pansexuais e agêneros, mulheres com deficiência, indígenas, negras, mulheres vivendo com HIV, gordas, monstros, bruxas e loucas. No move a urgência de entrelaçar reflexões do urbano ao rural **e de construir um compromisso político que retome o sentir-pensar diverso diante da crise do tecido da vida.**

Nosso movimento existem debates, tensões e fraturas. Por isso, a partir de El Salvador fazemos um chamado a todos os territórios e convocamos para o diálogo interno, como parte do processo de articulação que nos fortalece para um horizonte feminista. Também centrar a discussão sobre os objetivos, em um “porquê”, em vez de “feminismo para quem ou quens”. Para isso, **nos motivamos a realizar reuniões ou assembleias feministas locais a caminho do próximo EFLAC**, utilizar metodologias para promover discussões mais amplas, recuperar a memória para contextualizar conflitos e convocar e participar dos próximos 8M como greves feministas.



A interseccionalidade e a luta antirracista é uma prática feminista. Reconhecer como a estrutura racista, patriarcal, classista, capacitista, capitalista e hetero-cisnormativa afeta os nossos corpos e compreender estas opressões e resistências como transversais nos nossos espaços e movimentos. Além disso, propomos falar sobre nossas liberdades em assembleias decoloniais antirracistas, necessárias para que não haja captura de nossas lutas, conhecimentos e sentimentos.

Porque temos a certeza de que como feministas continuaremos a denunciar as formas de poder opressivo. Porque reconhecemos no nosso trabalho conjunto as nossas diversas identidades, formas e estratégias para uma transformação em potencial, que contagie empatia, amor entre nós e esperança para todos os povos da região. Também nos reconhecemos na diversidade de linguagens e expressões que nos habitam como artistas, comunicadoras e jornalistas. E na necessidade de posicionar a arte, a cultura e a comunicação feministas como eixos transformadores que acompanham, incidem e que são parte das lutas a partir de sua posição de incomodar o sistema a partir de espaços que devem ser reconhecidos e dignificados.

Nossa potência é transformadora! Apesar das restrições de direitos, das ameaças, das perseguições, da desinformação e do ódio contra as nossas identidades, nós continuamos organizando o feminismo. Colocamos a história antes da crueldade e agora que estamos juntas e juntas, não vamos nos separar, companheiras e companheiros! Alegria, dignidade e liberdade são nossas. Até o próximo EFLAC!

Justiça para Beatriz!

Respeito pelo voto popular na Guatemala!

Exigimos a não intervenção militar no Haiti!

Liberdade para as presas políticas na Nicarágua!

Nos solidarizamos com as feministas na Argentina!

Queremos uma Palestina livre!